

“Trato do efêmero”

“Vivo na cidade e essa é a realidade que está perto de mim”, diz Marta Moura

AS SITUAÇÕES de extremo da vida quotidiana contemporânea e o resultado e desrespeito na nossa relação com o meio são a evidência da exposição *Limite*, da artista plástica Marta Moura.

Os seus trabalhos representam lixo com um aspecto muito limpo, esterilizado e plástico. É uma representação crítica?

O meu trabalho propõe uma reflexão sobre alguns aspectos da sociedade contemporânea. Representa o limite a que chegámos em consequência dos nossos excessos.

É uma obra de intervenção, militante?

Considerá-la militante será exagerado, e embora não seja uma crítica directa, para mim tem quase a ver com uma cartase, onde domino as imagens. Nos desastres com carros, é um questionar da nossa própria velocidade e da sociedade, da vida que corre muito mais depressa desde o aparecimento das máquinas, com tudo o que nos proporciona uma velocidade diferente daquela que é naturalmente nossa. Os carros funcionam como prolongamento do corpo e quando se atinge determinado



Quando se atinge determinado limite é o choque total, o fim de um tempo



limite é o choque total, o fim de um tempo. No caso do lixo, trato do efêmero, pequenos momentos que passam pela nossa vida, que sinto necessidade de exprimir nos trabalhos, mas não como uma crítica aberta, embora o seja.

Os seus temas são essencialmente urbanos. As suas preocupações e a sua pesquisa centra-se na cidade?

Vivo na cidade e essa é a realidade que está perto de mim, é o que me rodeia. Não é uma preocupação intencional, mas o espaço onde me movo e que me afecta.

Ao confrontar-se com o seu trabalho, vê nele uma narrativa ou uma poética própria?

Perante cada trabalho, tenho uma reacção diferente, mas a sua observação é difícil para mim porque o meu olhar é condicionado pelo fazer. Eu ainda não tenho grande distanciamento sobre ele. **Qual é a sua metodologia normal de trabalho? Como faz as suas pesquisas?**

Cada trabalho é feito de forma diferente. Os acidentes de carro, por exemplo, parto de imagens de jornais ou da internet, mas as imagens de lixo assentam em fotografias que vou tirando enquanto ando pela cidade. ■ NUNO CUNHA

+ Marta Moura, *Limite*

Caroline Pagès Gallery

R. Tenente Ferreira Durão, 12 – 10.º dto, Lisboa

Até 13 de Setembro. Segunda a quarta-feira, das 12h00 às 17h00; quinta e sexta-feira, das 12h00 às 20h00; sábados das 15h00 às 20h00.